

MARIE-JEANNE L'HÉRITIER
DE VILLANDON



UM CONTO DE FADAS DE 1705

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS DE
PAULO CÉSAR RIBEIRO FILHO

© Copyright desta edição: Editora Teoria das Fadas, 2026.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Villandon, Marie Jeanne LHéritier de, 1664-1734
Ricdin-Ricdon / Marie Jeanne LHéritier de
Villandon ; [tradução Paulo César Ribeiro Filho]. --
São Paulo : Editora Teoria das Fadas, 2026.

Título original: Ricdin-Ricdon
ISBN 978-65-83522-06-1

1. Contos de fadas - França 2. Contos de fadas
Literatura infantojuvenil 3. Literatura
infantojuvenil I. Título.

26-384792.0

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos de fadas: Literatura infantil 028.5
2. Contos de fadas: Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

EDITORA TEORIA DAS FADAS
www.teoriadasfadas.com.br
Impresso — 2026.



Marie Jeanne L'HERITIER
receue de l'Academie de Toulouse en 1696.
et de celle de Padoue en 1697, fille de M.
L'heritier Historiographe du Roy née a Paris

Gravé Paris par E. Desrochers rue du Foin pres la rue S^t Jacques

C'est l'heritiere des Neuf Soeurs
Par sa Prose et ses vers elle charme les Coeurs
Et Minerve avec soin grava dans sa memoire
Tous le traits de la Fable et tous ceux de l'histoire

Marie-Jeanne L'Héritier, recebida na Academia de Toulouse em 1696 e na de Pádua em 1697, filha do Sr. L'Héritier, historiógrafo do Rei, nascida em Paris.

Gravado em Paris por E. Desrochers, na rua du Foin, perto da rua Saint-Jacques.

*Ela é a herdeira das Nove Irmãs;
Com sua prosa e seus versos, encanta os corações;
E Minerva, com esmero, gravou em sua memória
Todos os traços da Fábula e todos os da História.¹*

¹ As *Nove Irmãs* são as nove Musas. Há também um jogo particularmente feliz com o sobrenome *L'Héritier*, que significa, literalmente, “o herdeiro”; no feminino, *l'héritière*, “a herdeira”. Assim, temos um elogio baseado em um trocadilho: L'Héritier é “a herdeira das nove Musas”. Retrato feito em 1697 por Étienne-Jehandier Desrochers (1668–1741).

INTRODUÇÃO



A narrativa-moldura de “A Torre Tenebrosa” e sua autora



Marie-Jeanne L'Héritier de Villandon (1664–1734) foi uma escritora, poeta, tradutora e *salonnière* francesa, reconhecida como uma das primeiras representantes da grande voga dos contos de fadas literários surgida nos salões parisienses do final do século XVII. Nascida em Paris, Marie-Jeanne é comumente apresentada como sobrinha de Charles Perrault (1628–1703). Ela era filha de Nicolas L'Héritier de Nouvelon (1613–1680), associado ao senhorio de Villandon, e de Françoise Pé-

pin (datas de nascimento e morte desconhecidas). Seu pai havia servido como mosqueteiro do rei e tesoureiro das Guardas Francesas, exercendo posteriormente a função de historiógrafo real; foi também dramaturgo, poeta e tradutor. A ligação de Marie-Jeanne com Perrault vinha sobretudo pelo lado materno. Françoise Pépin era prima de Charles Perrault e foi sua madrinha de batismo, em janeiro de 1628. Marie-Jeanne era, portanto, filha de uma prima do escritor. Na terminologia familiar empregada durante o Antigo Regime, ela podia ser chamada de *nièce à la mode de Bretagne*, expressão que ampliava os termos “tio” e “sobrinha” aos primos dos pais e aos filhos desses primos. Perrault seria, assim, seu *oncle à la mode de Bretagne*: não um tio propriamente dito, mas um primo próximo pertencente à geração de sua mãe.

Marie-Jeanne recebeu uma formação erudita pouco comum entre as mulheres de seu tempo e manteve estreita amizade com, Madeleine de Scudéry (1607-1701), uma das figuras mais importantes da cultura galante e defensora da educação feminina. Participou ativamente dos círculos literários preciosistas, nos quais a conversação, a poesia, os jogos de espírito e a récita de histórias constituíam formas privilegiadas de sociabilidade e criação artística.

Em 1695, L'Héritier publicou suas primeiras narrativas, posteriormente reunidas nas *Œuvres mêlées* (*Miscelânea*), entre as quais se encontram “Os encantos da eloquência, ou Os efeitos da doçura” e “A princesa habilidosa, ou As aventuras de Finette”. O primeiro encontra-se traduzido em língua portuguesa na coletânea *Na Companhia de*

Bela: Contos de fadas por autoras dos séculos XVII e XVIII, publicada em 2019 pela Editora Florear Livros. O segundo encontra-se disponível em português como anexo da tese de doutorado *Tecendo e destecendo: as representações femininas nos contos de fadas da tradição e de Marina Colasanti*, de Simone Paulino.

Os contos de L'Héritier antecederam a célebre obra de Perrault e contribuíram para a consolidação do conto de fadas como gênero literário. Sua escrita combina tradições narrativas antigas, cultura cortesã, humor, moralidade e uma atenção particular à inteligência e à capacidade de ação das personagens femininas. Além disso, L'Héritier escreveu poemas, novelas, textos de erudição e obras de caráter histórico. Nos últimos anos de vida, dedicou-se à tradução das *Heroides* de Ovídio, publicadas em francês, em ver-

sos, sob o título *Les Épîtres héroïques d'Ovide*, em 1732. Embora sua produção maravilhosa seja menos extensa que a de Madame d'Aulnoy (1652-1705), sua obra ocupa um lugar fundamental na história do conto de fadas francês, sobretudo por associar a herança da narrativa oral e medieval à cultura letrada e galante das mulheres escritoras do reinado de Luís XIV.

Em 1705, publicou *La Tour ténébreuse et les jours lumineux* (*A Torre Tenebrosa e os Dias Luminosos*), obra em que reelaborou a lenda medieval de Ricardo Coração de Leão e Blondel de Nesle, inserindo alguns contos em sua narrativa-moldura.

“Ricdin-Ricdon” está entre eles. O conto, portanto, não é apresentado ao público como uma narrativa isolada. Ele integra a estrutura geral de *A Torre Tenebrosa e os Dias Luminosos*, ou seja,

está inserido em uma narrativa-moldura, isto é, de uma história principal no interior da qual outras histórias são contadas. A moldura estabelece as circunstâncias da récita, apresenta os narradores e os ouvintes e cria ligações temáticas entre os diferentes relatos. Os contos inseridos podem possuir personagens, tempos e espaços próprios, mas sua presença é justificada pela situação narrativa que os envolve.

Esse procedimento possui uma longa tradição na literatura europeia. No *Decameron*, de Giovanni Boccaccio (1313-1375), dez jovens se afastam de Florença para escapar da peste e passam os dias contando histórias uns aos outros. No *Heptameron*, de Margarida de Navarra (1492-1549), um grupo de viajantes, impedido de prosseguir viagem por causa das inundações, reúne-se diariamente para narrar casos

exemplares, amorosos e satíricos. Em *As Noites Agradáveis*, de Giovan Francesco Straparola (1480-1557), homens e mulheres encontram-se durante as noites de Carnaval para participar de jogos, ouvir enigmas e contar histórias, algumas delas reconhecidas como importantes antecedentes dos contos de fadas literários. Já no *Pentameron*, de Giambattista Basile (1566-1632), cinquenta contos são distribuídos ao longo de cinco jornadas e reunidos por uma trama maior, na qual a narração das histórias contribui para a revelação de um engano e para o restabelecimento da verdadeira identidade da protagonista.

A tradição das narrativas-moldura, porém, não se limita à literatura europeia. Dois de seus exemplos mais célebres provêm da literatura oriental. Em *As mil e uma noites*, a história de

Sherazade e do rei Shahriar organiza e justifica a sucessão de narrativas: para adiar sua execução, a jovem conta ao soberano uma história a cada noite, interrompendo-a ao amanhecer e despertando nele o desejo de conhecer a continuação. Muitos desses relatos contêm, por sua vez, novas histórias encaixadas, formando uma estrutura narrativa complexa e ramificada. Em *Calila e Dimna*, coletânea de origem indiana transmitida ao Ocidente por meio de versões persas e árabes, as fábulas são apresentadas no contexto dos ensinamentos oferecidos por um sábio a um rei. Os animais que protagonizam os relatos também contam histórias entre si, criando sucessivos níveis de encaixe. Nessas obras, assim como nas coletâneas europeias posteriores, a moldura não serve apenas para reunir narrativas independentes:

ela determina as condições da récita, estabelece uma relação entre narrador e ouvinte e atribui às histórias funções como aconselhar, educar, persuadir, entreter ou mesmo preservar a vida.

Apesar de suas diferenças, essas obras compartilham uma característica fundamental: o ato de contar histórias torna-se parte da própria história. A narrativa-moldura não funciona apenas como um recipiente destinado a reunir textos independentes. Ela representa uma comunidade de narradores e ouvintes, determina os motivos pelos quais os contos são narrados e frequentemente orienta a maneira como devem ser interpretados. Contar pode significar divertir, ensinar, consolar, adiar um perigo, revelar uma verdade ou enfrentar simbolicamente uma situação de crise.

As contistas francesas do final do século XVII retomaram e transformaram essa tradição. Nos salões aristocráticos, a *récita* de histórias maravilhosas era associada às práticas de conversação, aos jogos e à sociabilidade galante. Madame d'Aulnoy foi uma das principais continuadoras dessa tendência. Em suas obras, os contos de fadas frequentemente surgem integrados a narrativas mais amplas, a viagens, encontros entre personagens e situações de conversação. “A Ilha da Felicidade”, considerado seu primeiro conto maravilhoso publicado, aparece, por exemplo, inserido no romance *Histoire d'Hypolite, comte de Douglas*. Em outros textos, a autora também cria circunstâncias ficcionais nas quais personagens contam ou escutam histórias, aproximando a tradição das grandes coletâneas renascentistas das

formas de sociabilidade literária de seu próprio tempo.

Marie-Jeanne L'Héritier participa do mesmo ambiente intelectual e prolonga essa prática em *A Torre Tenebrosa*. A moldura da obra reelabora literariamente a conhecida tradição sobre Ricardo Coração de Leão e o trovador Blondel de Nesle. Ao regressar da Terra Santa, o rei Ricardo desaparece e é mantido em cativeiro numa fortaleza. Sem saber ao certo se o soberano está vivo, Blondel percorre diferentes regiões à sua procura. Diante dos castelos e das torres encontrados pelo caminho, canta uma composição que apenas ele e Ricardo conhecem. De uma das fortalezas, uma voz responde, completando a canção. Blondel reconhece o rei e descobre, assim, o lugar de seu aprisionamento.

Impossibilitado de libertá-lo imediatamente pela força, o trovador recorre à prudência e consegue aproximar-se do prisioneiro. O reencontro oferece a Ricardo não apenas a esperança de resgate, mas também a companhia de um amigo capaz de amenizar a solidão do cativo. É nesse contexto que a narração de histórias adquire uma função essencial. Privado da liberdade e afastado de suas atividades de soberano e guerreiro, Ricardo teria empregado parte de seu tempo compondo relatos, fábulas e aventuras maravilhosas. Diante de Blondel, passa a recitar essas histórias, transformando os dias sombrios da prisão em “dias luminosos”, como anuncia o próprio título da obra.

“Ricdin-Ricdon” é uma dessas narrativas atribuídas ao rei. O conto possui trama e personagens indepen-

dentes, mas sua récita está diretamente relacionada à situação de Ricardo e Blondel. Assim como os protagonistas do conto deverão enfrentar enganos, aparências, promessas perigosas e formas de aprisionamento, o rei encontra-se submetido a uma realidade na qual a liberdade depende da lealdade, da inteligência e do reconhecimento da verdade. A narrativa encaixada estabelece, portanto, um diálogo simbólico com a moldura que a contém.

Antes do início do conto, L'Héritier intervém explicitamente e chama a atenção para o caráter literário dessa transmissão. A autora afirma que não pretende reproduzir literalmente uma história medieval, mas adaptá-la ao gosto e à linguagem de seus contemporâneos, acrescentando reflexões e modificando circunstâncias quando jul-

gar necessário. O artifício permite que diferentes vozes se sobreponham: Ricardo é apresentado como o narrador ficcional, Blondel como seu primeiro ouvinte e L'Héritier como a escritora que reorganiza e transmite a história ao público moderno.

A leitura de “Ricdin-Ricdon” deve considerar, assim, essa sucessão de narradores e ouvintes. O conto chega ao leitor como uma história dentro de outra história, pertencendo simultaneamente ao universo maravilhoso de seus próprios personagens, à experiência do cativo de Ricardo e à cultura galante das contistas francesas do século XVII. A narrativa-moldura aproxima épocas e tradições distintas, fazendo com que a antiga lenda medieval, a sociabilidade dos salões e o conto de fadas literário participem de uma mesma experiência de narração.

Por fim, cabe enfatizar que “Ricdin-Ricdon” pertence à mesma família narrativa de “Rumpelstiltskin” ou “Rumpelstilzchen”, versão publicada por Jacob Grimm (1785–1863) e Wilhelm Grimm (1786–1859), sendo ambos classificados como ATU 500 (“O nome do ajudante sobrenatural”). As duas histórias apresentam uma jovem ameaçada por uma tarefa impossível relacionada à fiação, a intervenção de um ser mágico que lhe oferece auxílio mediante um pacto e a possibilidade de romper esse acordo por meio da descoberta de seu nome secreto. O texto de “Rumpelstilzchen” foi elaborado a partir de diferentes narrativas de Hessen, tendo entre suas fontes Henriette Dorothea “Dortchen” Wild (1793–1867), além de outras variantes orais posteriormente combinadas e reelaboradas pelos irmãos. Nas notas de sua coletâ-

nea, os Grimm mencionaram expressamente o conto de L'Héritier como narrativa aparentada a "Rumpelstilzchen", e estudos posteriores consideraram provável que eles o conhecessem.

Ao que tudo indica, não existe um texto anterior a "Ricdin-Ricdon" que reúna de maneira inequívoca todos os elementos fundamentais do tipo ATU 500: a tarefa ligada à fiação, o auxílio mágico concedido mediante um pacto, a ameaça de perda da jovem ou de seu filho e a anulação do acordo pela descoberta do nome secreto. "Ricdin-Ricdon" é geralmente considerado a primeira verdadeira atestação literária conhecida desse conto-tipo. Os estudiosos Johannes Bolte (1858–1937) e Georg Polívka (1858–1933), por exemplo, identificaram-no como a versão literária mais antiga da tradição posterior-

mente representada por “Rumpelstilzchen”.

Há, entretanto, antecedentes remotos de alguns de seus motivos. No relato 27 *dos Sofrimentos de Amor*, de Partênio de Niceia, autor do século I a.C., Alcínoe recusa-se a pagar integralmente o salário de Nicandra, mulher que trabalhara durante um ano como fiandeira; em consequência da vingança de Atena, Alcínoe abandona o marido e os filhos. O episódio contém a fiação, a dívida não paga e a ameaça à unidade familiar, mas não apresenta um ajudante mágico nem a adivinhação de seu nome.

Outro paralelo parcial aparece no capítulo 42 da *Edda* em prosa, composta por Snorri Sturluson (1179–1241), por volta de 1220. Um construtor de identidade inicialmente oculta promete erguer as muralhas de Asgard

dentro de um prazo quase impossível e exige como pagamento a deusa Freyja, além do Sol e da Lua. Quando os deuses percebem que ele poderá concluir a obra, Loki interfere para impedir o cumprimento do contrato. Temos novamente uma tarefa extraordinária, um pacto perigoso, uma recompensa feminina e a necessidade de frustrar o ajudante sobrenatural, mas não existem a fiação nem a descoberta de um nome secreto.

Também se encontram na literatura antiga narrativas sobre nomes secretos que concedem poder. Dionísio de Halicarnasso (c. 60 a.C.–após 7 a.C.), nas Antiguidades romanas, menciona divindades cujos nomes eram mantidos em segredo; contudo, trata-se apenas de uma afinidade com o motivo do nome oculto, não de uma versão do conto.

Embora motivos isolados de “Ricdin-Ricdon” (a fiação, o pacto perigoso, a tarefa impossível e o poder associado a um nome secreto) possam ser encontrados em narrativas antigas e medievais, não se conhece, antes de 1705, um texto que apresente de maneira completa a estrutura do conto-tipo ATU 500. A narrativa de Marie-Jeanne L’Héritier de Villandon é, assim, considerada a primeira atestação literária conhecida da tradição que mais tarde se tornaria célebre por meio de “Rumpelstilzchen”, dos Grimm.

PAULO CÉSAR RIBEIRO FILHO



Paulo César Ribeiro Filho é mediador de leitura, tradutor e professor doutor junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DLCV-FFLCH-USP), atuando na área de Literatura Infantil e Juvenil.



*d'où vient, ma bonne femme, que vous maltraitez
si fort cette jeune fille ?*

Ilustração de Clément-Pierre Marillier (1740-1808).
Lê-se na legenda: “Por que, minha boa mulher,
maltrata tanto essa jovem?”

RIGDIN-RIGDON



Em um dos mais belos reinos da Europa, cujo nome, entretanto, os historiadores não registraram, reinava um príncipe que, por sua justiça, pela retidão de sua alma e pelo amor paternal dedicado aos súditos, conquistara o glorioso nome de rei Prudêncio, título que, naqueles tempos, designava perfeitamente um rei cheio de probidade e honra.

Esse rei estava unido a uma esposa de grande virtude. Como a rainha era naturalmente viva e ativa, e se ocupava sem cessar de algum trabalho agradá-

vel, o povo a chamava de Laboriosa. O rei e a rainha tinham um único filho, cujas inclinações mais profundas não eram menos voltadas para a virtude do que as de seus pais; contudo, ele tinha tamanha paixão por bailes, espetáculos, torneios, caçadas e todos os divertimentos de sua idade, que fora chamado Gaio.

Gaio era perfeitamente belo. Tinha espírito perspicaz, coração ardente e coragem digna do sangue de que descendia. Embora muitas jovens princezas e senhoras da corte procurassem agradá-lo, ele ainda não experimentara o poder do amor. Nada o detinha por muito tempo: depois de um baile, desejava uma caçada; depois de um torneio, procurava outra novidade. Nas caçadas, lançava-se com tanto ímpeto atrás dos animais que frequentemente deixava para trás toda a comi-

tiva. Essas escapadas, nas quais ninguém o reconhecia como príncipe, fizeram-no encontrar aventuras extraordinárias.

Um dia, enquanto perseguia um cervo, afastou-se de seus homens e chegou sozinho a um pequeno povoado. Ao passar diante de uma casa, viu uma jovem de beleza admirável que carregava uma roca cheia de linho e trazia, recolhidas na dobra do vestido, flores recém-colhidas do jardim. Uma velha de aspecto desagradável arrancou-lhe as flores, atirou-as no meio do caminho, deu-lhe golpes bastante rudes e, segurando-a pelo braço, gritou com furor:

— Vamos, vamos, pequena desgraçada! Entre depressa em casa! Lá eu lhe ensinarei o que significa ter a insolência de me desobedecer!

O príncipe, que detivera o cavalo para observar a cena, aproximou-se da velha quando ela já ia entrar em casa.

— Por que, minha boa mulher, maltrata tanto essa jovem? Que falta ela cometeu para provocar tamanha cólera?

A camponesa, que era naturalmente colérica e não gostava de que se intromettessem em seus assuntos, preparava uma resposta insolente. Mas, lançando os olhos às roupas do desconhecido e julgando, pela extrema riqueza delas, que devia ser pessoa de alta consideração, conteve o ímpeto e respondeu em tom azedo:

— Senhor, repreendo minha filha porque ela sempre faz o contrário do que lhe digo. Eu desejaria que não fiasse, mas ela fia da manhã à noite, com uma diligência sem igual. Todas essas

censuras que vê são apenas porque ela fia demais.

— Como? — disse o príncipe. — É esse um motivo para tratar assim a pobre menina? Verdadeiramente, boa mulher, se odeia as moças que gostam de fiar, basta entregar sua filha à rainha, minha mãe, que tanto se diverte com esse trabalho e tanto estima as fiandeiras. A rainha fará a fortuna dela!

— Ah, senhor! — replicou a velha. — Se essa afetada, com toda a sua bela habilidade, lhe parece apropriada para nossa boa rainha, leve-a agora mesmo, se assim lhe aprouver! Há muito tempo ela pesa sobre meus ombros e desejo livrar-me dela.

Enquanto a mulher acabava de falar, parte da comitiva alcançou o príncipe. Ele ordenou a um valete que pusesse a bela jovem na garupa. O rosto dela ainda estava coberto pelas lágrimas.

mas provocadas pelas ameaças da velha, mas o pranto nada retirava de seus encantos. Gaio procurava consolá-la, garantindo que, com a habilidade de que parecia dotada, receberia muitos benefícios da rainha. A pobre moça estava tão perturbada por se ver cercada de tantos homens que não compreendia metade do que lhe diziam.

A mãe viu-a partir sem demonstrar a menor preocupação com seu destino. Os habitantes do povoado, ao contrário, julgavam não ter olhos suficientes para contemplá-la entre tantos senhores cobertos de ouro. Souberam pelos oficiais do príncipe que ela seria conduzida à rainha, e todas as jovens camponesas daquele lugar passaram a invejar-lhe a sorte.

A jovem em questão se chamava Rosânia. Quando Gaio apresentou-a à rainha, contou de que maneira a en-

contrara e repetiu, acreditando falar com exatidão, que ela fiava desde a manhã até a noite com diligência incomparável. Laboriosa, encantada com a beleza da moça e ainda mais satisfeita com o talento que lhe atribuíam, recebeu-a com bondade. A chegada de Rosânia, porém, causou viva inquietação a algumas mulheres da corte que se julgavam de beleza perfeita.

A rainha mandou alojá-la em um apartamento composto por uma sequência de aposentos cheios das mais célebres fibras do mundo. Ali se via cânhamo da Síria, linho da ilha de Ítaca, cânhamo da Bretanha, linho da Picardia, linho de Flandres e até o famoso linho incombustível, do qual se fabricava uma tela maravilhosa que o fogo mais ardente não podia danificar.

Disseram a Rosânia, como se anunciassem excelente notícia, que ela

poderia escolher, entre todas aquelas fibras, aquela com que desejava começar. Acrescentaram que a escolha devia ser-lhe indiferente, pois, sendo tão jovem e mais hábil que qualquer outra, a rainha pretendia conservá-la por muito tempo, conceder-lhe muitos benefícios e fazê-la fiar tudo aquilo.

Quando ficou sozinha, a pobre moça entregou-se ao mais violento desespero. Tinha pelo ofício de fiar uma aversão invencível, que lhe fazia considerar um suplício terrível a obrigação de dedicar algumas horas ao trabalho. É verdade que, quando reunia coragem para fazer um grande esforço e se ocupar da roca por algum tempo, trabalhava com habilidade infinita: seu fio era de finura e regularidade perfeitas. Mas fiava com lentidão tão excessiva que, mesmo se conseguisse permane-

cer aplicada da manhã à noite, mal produziria meio fuso por dia.

Pode-se imaginar a dor que lhe causava a opinião da rainha. Rosânia não compreendia como se livraria do embaraço em que a malícia materna a lançara. Estava, contudo, feliz por escapar daquela mãe que só lhe demonstrava uma rigidez bárbara.

Ainda assim, a bondade graciosa da rainha encantava-lhe a imaginação. A corte, que acabara de entrever como um relâmpago, já lhe parecia uma morada inteiramente agradável; todos os objetos apresentados aos seus olhos a haviam maravilhado. Via, porém, que só poderia conservar-se ali como hábil fiandeira, e sentia com demasiada clareza que jamais faria jus a esse talento. Ocupada por inquietações tão cruéis, passou a noite sem dormir um instante.

O príncipe não dormiu mais do que ela. Os encantos tocantes e as graças naturais de Rosânia impressionaram-lhe tão vivamente os olhos e o coração que ele passou a noite inteira entregue à lembrança da jovem.

Logo pela manhã, a rainha mandou chamá-la. Naquele dia havia grande toalete¹ nos aposentos reais, e ali se encontravam o rei, o príncipe e toda a corte. Rosânia apareceu com a roupa simples do povoado. Sua presença surpreendeu a todos. Era de porte delicado, não necessariamente frágil, e de comportamento nobre e obsequioso. Os cabelos, de um louro acinzentado, caíam naturalmente em belas ondulações e descobriam uma fronte

¹ N. T.: No contexto cortesão dos séculos XVII e XVIII, designava o conjunto de cuidados relacionados a vestir-se, pentear-se e adornar-se, atividade de natureza pública e ostentatória.

de alabastro. Sob ela brilhavam grandes olhos azuis, cheios ao mesmo tempo de doçura e vivacidade. O nariz guardava a proporção mais exata; a boca era pequena e agradavelmente formada; os dentes, admiráveis; a pele, de uma brancura deslumbrante, realçada por leve rubor. A regularidade dos traços e as cores vivas do rosto eram acompanhadas daquele encanto penetrante, daquele não sei o quê que constitui a alma da beleza.

Embora não tivesse dormido, Rosânia não parecia abatida. A confusão de se ver exposta aos olhares de uma corte numerosa dava-lhe um rubor que apenas fazia resplandecer melhor os seus atrativos. Via-se também que a vida recolhida que lhe atribuíam como fiandeira preservara sua pele dos estragos do sol.

As damas que aspiravam à reputação de belas sentiram despeito extremo e procuraram descobrir defeitos em seu rosto e em sua figura. Os moços, estouvados, conceberam a seu respeito mil devaneios ridículos. Por diferentes motivos, ela atraiu a atenção de toda a corte.

Ao retirar-se, o rei aconselhou a rainha a dar outra roupa à bela fiandeira, pois a que vestia era estranha e muito diferente da usada pelas jovens da casa real. Laboriosa já pensara nisso. Algumas horas depois, levaram a Rosânia vestidos e adornos perfeitamente conformes à moda da corte do rei Prudêncio. As damas da rainha pentearam-na e vestiram-na com muito cuidado e ensinaram-lhe detalhadamente como deveria, dali em diante, colocar por si mesma todos aqueles enfeites, e tudo lhe assentava de

modo admirável. Assim apareceu no templo, onde o príncipe viu-a e achou-a mais bela do que nunca. Pronunciou em voz alta elogios sem medida. Os que ainda não a tinham visto olharam-na com uma curiosidade apressada. Como muitos não haviam guardado seu nome e o rei a chamara de Bela Fiandeira, esse título lisonjeiro foi mantido. Em menos de vinte e quatro horas, ela se tornou tão célebre que não houve conversa na corte ou na cidade em que a Bela Fiandeira não fosse mencionada.

Enquanto uma centena de jovens, cansadas de ouvir falar incessantemente dela, invejavam sua felicidade e glória, Rosânia passava momentos muito tristes. No primeiro dia, inventou uma dor na mão e fortes câibras no braço para não tocar na roca. No segundo, depois de muitas tentativas

frustradas para arrumar os cabelos e vestir-se como lhe haviam ensinado, apresentou-se quase descomposta. Retirada em seu quarto, conseguiu produzir apenas algumas braças de fio. Quando a rainha a interrogou, Rosânia queixou-se de um reumatismo no braço. Laboriosa acreditou nela e ordenou que descansasse; mas as outras trabalhadoras começaram a rir daquela fiandeira prodigiosa que não fiava.

A vergonha, o medo e o desejo de permanecer na corte tornaram-se insuportáveis. Rosânia saiu secretamente dos aposentos e ganhou o parque, depois o bosque. Quanto mais se afastava, mais se julgava perdida. Preferia a morte a voltar para a mãe, e não se julgava capaz de suportar a humilhação de confessar à rainha que não

era a grande trabalhadora imaginada por todos.

No lugar mais solitário do bosque havia um pavilhão elevado sobre um rochedo. Rosânia subiu até ele, decidida a lançar-se do alto. Já se aproximava da borda quando um homem alto, moreno, vestido com grande elegância, mas de fisionomia sombria, surgiu diante dela.

— Que desígnio terrível a conduz a este lugar? — perguntou. — Sua juventude e sua beleza parecem destinadas a uma sorte bem diferente!

Assustada, Rosânia recuou. O desconhecido falou com tanta compostura e demonstrou interesse tão insistente que ela lhe contou suas desgraças.

Disse que o pai, homem sensato e afetuoso, a educara com cuidado, ensinando-lhe tudo o que uma jovem de sua condição poderia aprender. A mãe,

grosseira e violenta, amava apenas o filho e via na filha uma rival, pois todos admiravam a beleza de Rosânia e censuravam a rigidez com que era tratada. Desde cedo, porém, os elogios haviam alimentado certa vaidade em seu interior. Ao perceber que os rapazes mais considerados do povoado procuravam agradá-la, passou a imaginar que essa beleza extraordinária poderia elevá-la acima do nascimento. Portanto, rejeitava todos aqueles pretendentes, julgando-os indignos.

Um dia, o pai de Rosânia partira para uma viagem misteriosa. Não regressou, e depois de muito tempo foi considerado morto. Sem ele, Rosânia ficou entregue à crueldade materna. A mãe quis obrigá-la a trabalhar sem descanso e a casar-se com um homem que ela detestava. Naquele dia fatídico, Rosânia abandonara a roca para colher

flores; por isso fora surpreendida, espancada e arrastada de volta para casa. A passagem do príncipe parecera uma libertação providencial. Mas a mentira irônica da velha, tomada ao pé da letra, transformara a salvação em nova desgraça.

— Não ocultarei nada — continuou Rosânia. — A corte me encantou. A bondade da rainha, a magnificência que vi, os elogios que recebi e, sobretudo, a atenção do príncipe fizeram nascer em mim esperanças talvez desmedidas... Por alguns instantes imaginei que poderia realizar o destino brilhante com que sempre sonhei. Mas devo conservar-me ali como fiandeira e não sei fiar com a rapidez que esperam de mim. Nem sequer sei arrumar os adornos que me deram! Dentro de poucos dias todos verão que fui levada ao palácio por um engano. Serei ex-

pulsa, ridicularizada e devolvida à mulher que me odeia! Antes prefiro morrer!

O desconhecido escutou-a com atenção.

— Sua dor pode ser remediada — disse ele. — Se eu lhe oferecesse os meios de fiar todas as fibras que a rainha lhe entregar, de tecer as mais belas tapeçarias e de aparecer sempre adornada com uma graça que nenhuma mulher conseguiria imitar, que recompensa eu mereceria?

— Tudo o que fosse razoável — respondeu ela impetuosamente. — Eu lhe deveria a vida e a felicidade. Daria bens, se algum dia os possuísse; prestaria todos os serviços compatíveis com a honra e o dever. Mas não prometeria nada que me tornasse criminosa ou indigna da bondade da rainha.

— Você fala com prudência — disse o homem. — Não lhe peço ouro nem crime. Quero apenas que aceite uma condição cujo cumprimento dependerá de sua memória.

O desconhecido tirou do bolso uma pequena varinha de cor castanho-acinzentada, tão lisa e brilhante que parecia polida por mãos sobrenaturais. Ninguém poderia dizer de que madeira era feita. Em uma das extremidades havia uma pedra de natureza igualmente desconhecida, na qual se viam mudar, conforme a luz, todas as cores do arco-íris.

— Esta varinha — disse ele — fará por vós tudo o que desejais. Toque com ela o linho ou o cânhamo: no mesmo instante, qualquer quantidade dessas fibras se transformará no fio mais fino e perfeito. Toque lã, seda ou fios de diferentes cores: produzirá tapeçarias e

bordados tão perfeitos que os mais hábeis artistas confessarão sua inferioridade.

Rosânia recebeu o objeto com admiração e alegria. O homem, porém, segurou-lhe a mão antes que ela se afastasse.

— Eu lhe empresto a varinha por três meses. No dia exato em que esse prazo terminar, irei buscá-la. Para restituí-la sem nenhuma obrigação, deverá dizer estas palavras: “Tome, Ricdin-Ricdon, aqui está a sua varinha.” Se pronunciar meu nome, ficaremos quites. Se, ao contrário, não se recordar dele e me entregar apenas a varinha, terei direito sobre o seu destino. Deverá seguir-me para qualquer lugar que eu escolher, sem resistência e sem esperança de retorno!

— Ricdin-Ricdon! — repetiu Rosânia, rindo. — É um nome tão sin-

gular que não poderia esquecê-lo. Três meses não são uma eternidade para guardar duas palavras...

— Não confie demais na memória — respondeu o desconhecido. — Há nomes que se apagam em um instante!

Rosânia, embriagada pela esperança, declarou aceitar. Jurou, pelos juramentos que julgava mais invioláveis, que restituiria a varinha nas condições propostas.

Antes de deixá-lo, lembrou-se das dificuldades que tivera com a roupa.

— Sua varinha faz maravilhas — disse —, mas falta-lhe um poder. Se desejo permanecer na corte, devo saber vestir-me e pentear-me. Hoje destruí em poucos instantes o trabalho que várias mulheres levaram horas para me ensinar.

Ricdin-Ricdon sorriu de modo inquietante.

— As mulheres jamais se contentam com o necessário! Eu lhe ofereço um instrumento capaz de realizar trabalhos que fariam a fortuna de dez famílias, e a primeira coisa que pede é a arte de colocar um laço de fita!

— Não zombe de mim — respondeu Rosânia. — Na corte, uma fita mal colocada pode arruinar uma reputação mais depressa do que uma roca abandonada!

— Que seja! Quando tocar com a varinha os cabelos, o vestido ou os adornos, tudo se disporá com a graça mais perfeita. Agora lembre-se do nome e do prazo!

Ele desapareceu entre as árvores. Rosânia permaneceu por alguns momentos repetindo:

— Ricdin-Ricdon, Ricdin-Ricdon.

Depois tocou os cabelos. Eles se arranjaram em uma forma tão elegante

que nenhuma mão humana poderia ter criado. O vestido assentou-se por si mesmo, cada laço encontrou o lugar mais vantajoso e as flores recolhidas no caminho formaram um adorno delicado. Rosânia mirou-se na água de uma fonte e ficou deslumbrada com a própria aparência.

Voltando ao palácio, encontrou Gaio, que a procurava. Algumas pessoas invejosas haviam lhe contado que a Bela Fiandeira fugira porque não sabia trabalhar e que sua beleza era apenas uma ilusão campestre. O príncipe repreendeu com severidade os caluniadores e correu ao parque. Ao vê-la, esqueceu toda censura. Perguntou por que estava triste e, sabendo que a fonte diante da qual ela se detivera era pequena e quase seca, ordenou que fossem erguidas naquele lugar fontes

magníficas, como se a beleza de Rosânia tivesse consagrado o bosque.

A alegria de ser defendida pelo príncipe e a admiração que causava sua nova aparência ocuparam-lhe de tal maneira o espírito que, antes mesmo de chegar aos seus aposentos, o nome do benfeitor começou a fugir-lhe da memória.

Rosânia fechou-se no quarto onde estavam as fibras e tocou com a varinha um grande monte de linho. No mesmo instante, viu diante de si fusos cobertos por um fio tão fino e regular que mal acreditava nos próprios olhos. Repetiu a experiência com o cânhamo, e o prodígio foi ainda mais admirável.

Quando a rainha entrou, encontrou em poucas horas o trabalho de muitas semanas. Laboriosa, encantada, não sabia como exprimir o espanto.

— Minha filha — disse —, não desejo que sua diligência prejudique sua saúde! Não deve passar as noites trabalhando. A partir de agora, empregue apenas algumas horas por dia e participe dos divertimentos das jovens de minha casa.

Rosânia respondeu, com modéstia estudada, que amava tanto o trabalho que não sentia fadiga. Acrescentou que sabia também executar tapeçarias e bordados e pediu que lhe confiassem fios, telas, lãs e sedas. Solicitou apenas que ninguém entrasse enquanto trabalhasse, pois os métodos que recebera do pai exigiam solidão.

A rainha consentiu. Rosânia tocou os materiais e produziu figuras tão vivas, cores tão delicadamente combinadas e pontos tão pequenos que se dizia

que Aracne,² se pudesse vê-los, teria renunciado para sempre à agulha. A jovem passou a receber presentes e distinções. Laboriosa, que estimava a indústria acima de quase todas as virtudes, decidiu colocá-la entre as damas de honra.

No começo, Rosânia ainda tentou recordar o nome do desconhecido. Sabia que começava por um som áspero e que havia nele repetições. Dizia consigo mesma: “Ric... Ricdon... Ricon...”. Mas logo se distraía. Três meses lhe pareciam infinitos. O dia seguinte trazia uma nova festa, uma nova roupa, uma

² N. T.: Jovem tecelã da mitologia greco-romana que desafiou a deusa Atena para uma competição de tecelagem. Embora sua obra fosse perfeita, foi punida pela deusa e transformada em aranha, condenada a tecer para sempre. O episódio é narrado por Ovídio nas *Metamorfoses* e tornou Aracne um símbolo da habilidade extraordinária nos trabalhos de fio e tecido.

nova conversa com o príncipe, outro elogio da rainha. O nome apagou-se inteiramente.

Gaio, por sua vez, não encontrava mais prazer nos divertimentos que antes o dominavam. As caçadas lhe pareciam longas quando Rosânia não estava presente; os espetáculos, tediosos se não podia observá-la; os bailes, vazios se ela não dançava. A rainha, percebendo que a jovem ainda ignorava os usos da corte, confiou-a a uma senhora chamada Vigilantina. Essa mulher possuía virtude, experiência e conhecimento do mundo. Devia ser para Rosânia uma espécie de mãe e ensiná-la a caminhar entre perigos que a inocência não via.

Vigilantina levou-a aos jardins públicos, onde a corte se reunia. Ali havia, por assim dizer, tribunais de galanteria e assembleias de coquetismo.

Sob as árvores, as belas recebiam homenagens; nas alamedas, os amantes apresentavam petições; junto às fontes, decidiam-se causas nas quais ninguém tinha razão. Muitas pessoas saíam dali mais embriagadas pelas flores de retórica do que pelo perfume das flores verdadeiras.

As jovens vindas das províncias sentiram ciúme de Rosânia. Algumas julgavam que muitos anos de residência na corte lhes davam direito exclusivo aos olhares. Outras, embora ricas, se indignavam ao ver uma moça sem nascimento conhecido receber maior atenção. Naquele mundo, a beleza era elogiada, mas o ouro frequentemente era mais poderoso do que os mais belos olhos. Estrangeiros, pequenos-mestres e financistas cercavam Rosânia, cada qual imaginando que ela se deixa-

ria conquistar pela magnificência, pela impertinência ou pelo dinheiro.

Vigilantina advertiu-a:

— Ser admirada por todos não significa ser respeitada por todos. Uma jovem que chama atenção demais oferece armas à inveja e oportunidades aos audaciosos.

Rosânia ouviu o conselho, mas sua juventude fazia com que o compreendesse apenas pela metade.

Entre as jovens da corte havia uma chamada Sereia. Recebera esse nome porque tinha voz tão bela que, quando cantava, todos interrompiam as conversas. Ao contrário das outras, era generosa e boa. Defendeu Rosânia quando ouviu críticas injustas e aproximou-se dela sem segundas intenções. As duas logo se tornaram amigas.

Gaio desejava falar a sós com Rosânia, mas Vigilantina jamais a dei-

xava. O príncipe tinha como favorito um cortesão inteligente e discreto chamado Fidélis. Este compreendeu o sofrimento do senhor e, sem comprometer a jovem, ocupou Vigilantina em conversas tão agradáveis que proporcionou aos amantes alguns instantes de liberdade.

Rosânia possuía espírito e sentimentos elevados; contudo, sua educação interrompida e a vida retirada no povoado haviam deixado nela algo de infantil. Gostava de laços de fita, cãezinhos, pássaros, jogos simples e todas as coisas que brilhavam. Assistia ao teatro menos para entender a sátira, a política ou as grandes paixões trágicas do que para ver e ser vista. Vigilantina e Sereia procuravam formar-lhe o bom gosto sem destruir sua graça natural.

Certo dia, Gaio encontrou ocasião para declarar-se.

— Não posso mais esconder — disse — que minha felicidade depende de você! Desde o instante em que a vi, nada me agrada quando não está comigo! Não peço resposta precipitada; peço apenas que não despreze um coração que será para sempre seu!

Rosânia corou, mas não desviou o olhar.

— Senhor, suas palavras me honram e me assustam. Não ignoro a diferença entre o seu nascimento e o meu. Se deseja apenas fazer de mim uma amante secreta, toda a gratidão que devo a você e à rainha não bastará para me fazer esquecer tamanha desonra.

— Uma amante secreta! — exclamou o príncipe. — Eu a respeito como respeitaria a mais elevada princesa! Reis já se casaram com pastoras; eu renunciaria ao trono antes de renunciar

a sua mão. Juro que não terei outra esposa!

— Não faça um juramento que o seu dever possa condenar!

— Meu dever não me obrigará a ser perjuro. Aceite o meu amor e deixe-me provar, por uma conduta constante, que não é um simples capricho.

Rosânia consentiu em receber suas homenagens, desde que ele preservasse sempre o respeito e a fidelidade. O príncipe saiu daquela conversa mais feliz do que após todas as vitórias que imaginara conquistar.

O amor de Gaio logo foi percebido. O rei Prudêncio acreditou inicialmente que se tratava de uma inclinação passageira e confiou na sensatez do filho. A rainha estimava a virtude de Rosânia e não suspeitava que a jovem fosse abusar de seus favores.

Havia, porém, junto de Laboriosa, uma dama chamada Súcia. Ela amava secretamente o príncipe. Era bela, ambiciosa, vingativa e tão hábil em esconder a maldade que muitos a julgavam digna de estima. Sob uma aparência agradável, tinha alma negra. A preferência de Gaio por uma jovem sem nome pareceu-lhe uma injúria pessoal. A amizade da rainha por Rosânia aumentava-lhe o ódio.

Súcia procurou uma feiticeira conhecida por crimes e encantamentos. Não pediu apenas separar os amantes: desejava a morte de ambos. A feiticeira prometeu empregar os poderes infernais e aconselhou-a a começar por ilusões capazes de destruir a fidelidade do príncipe.

Um dia, Gaio saiu para caçar. Como de costume, perseguiu com ardor um animal e afastou-se da comi-

tiva. Depois de atravessar lugares que não conhecia, viu erguer-se diante dele um palácio magnífico. As portas se abriram, e criados ricamente vestidos vieram receber seu cavalo como se o esperassem.

No interior, encontrou uma jovem de beleza extraordinária. Ela se apresentou como a parente mais próxima e legítima herdeira do Reino da Ficção. Contou, com lágrimas cuidadosamente distribuídas, que o cruel Ludíbrico usurpara o trono quinze anos antes, matara o rei Fortúnio, encerrara a rainha Risonha em uma prisão e mandara matar a criança que ela dera à luz. A própria princesa, salva por servidores fiéis, vivera escondida até então. Um sábio mago poderia ajudá-la a recuperar o reino, mas a vitória dependia de um herói cuja coragem e nascimento correspondessem aos de Gaio.

Enquanto ela falava, apareceu um homem velho e magro. Seu rosto tinha a gravidade que costuma inspirar confiança a quem deseja ser enganado. Disse chamar-se Grão-Labor.

— Príncipe — declarou —, conheço o seu destino. Posso dar-lhe um anel que tornará suas armas invencíveis. Com ele, conquistará o Reino da Ficção e muitos outros. Uma única condição acompanha o dom: deverá amar eternamente esta princesa, desposá-la e colocar sobre sua cabeça a coroa que lhe pertence.

A falsa princesa estendeu a mão. O anel brilhava de modo sedutor.

Gaio recuou.

— Minha palavra e meu coração pertencem a outra pessoa!

— Uma palavra dada a uma jovem de nascimento obscuro — replicou o mago — não pode prevalecer sobre o

interesse de um reino. Seria um vão escrúpulo sacrificar sua glória a uma camponesa.

— A obscuridade do nascimento não torna menos sagrada uma promessa! Se esta princesa tem direitos, combaterei por ela sem recompensa, mas não comprarei a vitória com infidelidade.

A jovem lançou-se a seus pés.

— Não lhe peço apenas a espada, peço o coração! Sem ele, que me importa o reino?

— Posso oferecer respeito, amizade e armas. Meu coração não está livre.

As súplicas transformaram-se em furor. A princesa acusou-o de insensibilidade; Grão-Labor ameaçou-o com perdas e derrotas. Mas o príncipe permaneceu firme.

De repente, uma criança de beleza celestial apareceu no salão, segurando um cetro de ouro. Tocou com ele a princesa e o mago. Ambos deram gritos horríveis; o palácio, os criados e os tesouros desapareceram. Gaio viu-se no meio de um campo deserto.

— Essas duas figuras eram demônios — disse a criança. — Uma feiticeira, instigada por uma mulher da corte, invocou-os para a sua perdição. A história, porém, continha uma parte verdadeira: o rei Fortúnio morreu, Risonha foi aprisionada e Ludíbrio ocupa o trono do Reino da Ficção. Mas existe uma criança sobrevivente e a mulher que acabou de ver não possui direito algum à coroa. Se tivesse quebrado seu juramento, os espíritos infernais tê-lo-iam conservado para sempre sob seu poder.

A criança entregou-lhe um anel.

— Guarde consigo o Anel da Verdade. Ele dissipará ilusões, descobrirá embustes e impedirá que os espíritos do erro o façam tomar o falso pelo verdadeiro. Sua fidelidade fê-lo merecer essa proteção.

Depois desapareceu. Gaio reencontrou a comitiva e regressou ao palácio. Contou apenas a Fidélis o que acontecera. Ao rever Rosânia, sentiu-se recompensado por ter resistido.

Súcia e a feiticeira, vendo fracassar os encantamentos, resolveram recorrer a meios humanos. Um embaixador estrangeiro, muito rico e pouco escrupuloso, havia admirado Rosânia. Primeiro tentara seduzi-la oferecendo joias e dinheiro. Ela o repelira com desprezo. Depois, aconselhado por Súcia, apresentou-se com aparência de respeito, pediu desculpas pelas propostas

indignas e ofereceu-lhe casamento e uma posição elevada em seu país.

Rosânia respondeu que devia à rainha tudo o que possuía e não abandonaria o seu serviço. O embaixador interpretou a recusa como prova de que a jovem esperava desposar o príncipe. Ferido no orgulho, decidiu possuí-la a qualquer preço.

O embaixador devia deixar a corte dentro de poucos dias. Antes da partida, reuniu homens que lhe eram inteiramente devotados e combinou com um de seus confidentes a maneira de raptar Rosânia. Súcia forneceu todas as informações necessárias sobre os movimentos da jovem e escolheu um momento em que o rei e o príncipe estariam afastados do palácio.

Rosânia saíra acompanhada por poucas damas quando uma carruagem fechada surgiu em grande velocidade.

Homens armados dispersaram os criados, agarraram a jovem e lançaram-na para dentro. O embaixador estava ali.

— Não tema — disse ele. — Não pretendo ofendê-la. Quero apenas conduzi-la a um lugar onde poderá aceitar livremente a posição que lhe ofereço. Será minha esposa e terá grande fortuna.

— Chama liberdade ao que começa por violência? — respondeu Rosânia. — Depois de me arrancar da casa da rainha, pretende que eu acredite em sua honra? Devolva-me imediatamente ao palácio, e talvez eu me contente em ocultar o seu crime!

— É tarde demais! Partiremos de meu país como marido e mulher.

— Nunca! Nenhuma cerimônia pode tornar legítima uma união obtida pelo rapto! Você é ainda mais perverso do que eu julgava!

A carruagem corria com extrema rapidez. Os cavalos, conduzidos por um cocheiro que não conhecia bem a região, entraram em caminhos cada vez mais estreitos. A noite caiu. Em uma descida cercada por floresta alta, uma roda atingiu uma pedra e se partiu. O veículo tombou. Rosânia foi lançada para fora, mas não se feriu gravemente.

Ela se levantou e gritou por socorro. Três homens apareceram entre as árvores. O embaixador e seus cúmplices julgaram primeiro que eram viajantes desarmados. Correram contra eles. O combate foi rápido e terrível. Um dos recém-chegados manejava a espada com força incomparável: matou o confidente e dois homens, feriu o embaixador e obrigou os restantes a fugirem. O embaixador, que ainda re-

cusava a rendição, tentou apunhalar Rosânia, mas caiu morto.

O libertador aproximou-se. Era Gaio. Fidélis e um outro nobre fiel o acompanhavam. O príncipe, inquieto por não ter visto Rosânia durante o dia, saíra a caminhar e, levado por uma espécie de pressentimento, seguira os caminhos do bosque. Ao reconhecer a jovem, sentiu alegria tão viva que quase esqueceu um ferimento leve recebido no ombro.

— Senhor — disse Rosânia, lançando-se a seus pés —, devo-lhe, pela segunda vez, a liberdade, e talvez a vida!

— Não me agradeça por ter defendido o que me é mais caro do que minha própria vida!

Fidélis providenciou cavalos. O regresso ao palácio causou enorme agitação. A rainha ficou indignada com a

audácia do embaixador e abraçou Rosânia com ternura. Prudêncio ordenou que se investigassem os cúmplices. Súcia soube ocultar a parte que tivera na empresa.

A morte do embaixador não acalmou sua cólera. Ao contrário, convenceu-a de que, enquanto Gaio vivesse, nenhum projeto contra Rosânia poderia ter êxito.

A Bela Fiandeira, por sua vez, poderia sentir-se feliz. A rainha aumentava-lhe os favores, o príncipe acabara de salvá-la e a fidelidade dele se tornava cada vez mais evidente. Contudo, uma tristeza secreta começou a dominar-lhe o espírito.

O terceiro mês se aproximava do fim. Ao contar os dias, ela compreendeu de repente que o homem do bosque viria buscar a varinha. Tentou recordar o nome. Sabia que o repetira muitas

vezes, que começava talvez por “Ric” e acabava por um som semelhante. Escreveu em papéis todos os nomes que lhe vinham à mente: Racdon, Ricordon, Ringaudon, Riquedon, Riguedon. Nenhum parecia verdadeiro.

Com discrição, interrogou viajantes, criados estrangeiros e velhos que conheciam lendas. Perguntava se haviam ouvido falar de algum homem cujo nome começasse por “Ric”. As respostas apenas aumentavam sua confusão. À noite, sonhava com a figura sombria estendendo a mão. De dia, ocultava o medo para que ninguém descobrisse o segredo da varinha.

Pensou em quebrá-la, lançá-la ao fogo ou escondê-la em lugar inacessível. Mas as palavras do pacto voltavam-lhe à memória: se não pronunciasse o nome, o desconhecido teria poder sobre seu destino. O

desaparecimento do objeto talvez não anulasse o juramento. Além disso, toda a posição que conquistara dependia dos trabalhos produzidos pela varinha. Confessar a fraude à rainha parecia-lhe quase tão terrível quanto seguir o estranho.

Gaio percebeu a mudança. Rosânia evitava os divertimentos, respondia distraidamente e empalidecia quando alguém falava de compromissos ou promessas.

— Compartilhe comigo sua dor — pedia o príncipe. — O que quer que seja, não será maior do que minha vontade de ajudá-la.

Rosânia não se atrevia a falar. Temia perder sua estima ao revelar a imprudência. Respondia que a lembrança do rapto a deixara inquieta ou que a saúde estava abalada.

Sereia também tentou consolá-la. Vigilantina recomendou repouso. A rainha diminuiu-lhe as tarefas. Mas nada aliviava a angústia.

Restavam poucos dias quando Rosânia encontrou, no fundo de uma gaveta, uma fita usada no dia em que conhecera o desconhecido. Levou-a ao rosto, esforçando-se por reconstruir cada instante: o pavilhão, a pedra brilhante, a voz sombria, a mão que segurava a varinha. O nome pareceu aproximar-se, mas desapareceu novamente.

— Estou perdida! — murmurou. — Entreguei meu destino por vaidade e preguiça, e nem sequer posso acusar outra pessoa.

Enquanto isso, Súcia foi atrás de três homens jovens que haviam dissipado a fortuna e perdido a honra em aventuras vergonhosas. Eles a amavam

(ou fingiam amá-la). Falou separadamente com os três e prometeu casar-se com aquele que matasse Gaio. Nenhum sabia que a mesma promessa fora feita aos outros. A feiticeira forneceu-lhes espadas encantadas. Garantiu que qualquer golpe desferido por elas produziria uma ferida mortal, que os portadores não poderiam ser atingidos e que ninguém reconheceria seus rostos. Os miseráveis, mais confiantes na magia do que na própria coragem, aceitaram a tarefa.

O príncipe sofria com a tristeza de Rosânia. Para moderar a inquietação, foi caçar. Perseguiu por muito tempo um animal e, ao cair da noite, encontrou-se, como sempre, afastado de todos. Atravessou um vale e avistou as ruínas de um antigo palácio. Uma luz púrpura saía das janelas sem vidros. O

Anel da Verdade, que trazia sempre consigo, esquentou em seu dedo.

Gaio aproximou-se silenciosamente. No pátio, viu homens e mulheres de aspecto hediondo que dançavam ao redor de uma fogueira. Alguns tinham rostos lívidos, outros pareciam cobertos de pelos; muitos usavam máscaras de animais. No centro estava um homem magro, seco e moreno, cujo olhar causava terror. A feiticeira de Súcia ajoelhou-se diante dele.

— Fiz tudo o que me ordenou — disse. — Mas o príncipe escapa a todas as armadilhas. Ajude-me a destruí-lo!

— Não posso tocá-lo diretamente — respondeu o espírito. — Um inimigo celeste o protege. Sob o nome de Grão-Labor tentei seduzi-lo com beleza, poder e glória. Ele recusou. Sua fidelidade fortaleceu a proteção. Os homens que você escolheu poderão atacá-lo pelas

vias naturais; as espadas, porém, não possuem a virtude que lhes prometera. Mas talvez a sorte faça o que o inferno não pode fazer...

A feiticeira perguntou se ao menos obteriam a outra vítima. O demônio riu.

— Amanhã a jovem será minha. Ela possui a varinha e esqueceu meu nome!

Então começou a dançar e cantou:

*Se a donzela tenra e simplória,
Que só ama folgedos infantis,
Tivesse guardado na memória
Ricdin-Ricdon, nome de glória,
Jamais cairia em meus ardis;
Mas a bela será minha vitória,
Pois tal nome ela não diz.*

Os presentes repetiram o refrão. Gaio reteve cuidadosamente cada pa-

lavra. O demônio continuou a vangloriar-se. Disse que era mais difícil seduzir certos homens porque a educação, as ocupações e a experiência lhes davam instrumentos de defesa. Por isso os espíritos malignos serviam-se frequentemente das mulheres para fazê-los sucumbir. Acrescentou que conquistara mais jovens com o desejo de parecer belas e de vestir-se magnificamente do que vinte demônios, por outros meios, haviam conseguido arrastar juntos para o inferno. O desejo de agradar aos homens, dizia, abria portas que a ambição e a avareza nem sempre conseguiam forçar.

Gaio compreendeu que o espírito falava de Rosânia. A dor que sentiu ao descobrir o perigo foi acompanhada de alegria por saber o nome capaz de salvá-la. Retirou-se antes que a reunião terminasse.

Ao entrar no bosque, foi atacado pelos três assassinos. Eles se julgavam invulneráveis e avançaram sem prudência. O príncipe encostou-se a uma árvore para não ser cercado. O Anel da Verdade dissipou a obscuridade que cobria os rostos e mostrou que as espadas não tinham poder sobrenatural. Gaio matou dois agressores e feriu gravemente o terceiro. Recebeu, contudo, um golpe e perdeu muito sangue.

Seus homens, que o procuravam, chegaram a tempo. O sobrevivente foi capturado. O príncipe foi levado ao palácio, onde os médicos declararam que a ferida era grave, mas não mortal.

Naquele mesmo dia, o rei Prudêncio recebeu uma dama de aspecto majestoso, acompanhada por um velho cavaleiro e um camponês. A dama pediu uma audiência secreta.

— Senhor — disse ela —, venho procurar em sua corte minha filha, que todos acreditam ser filha deste homem. Sou Risonha, rainha legítima do Reino da Ficção.

Prudêncio lembrou-se da história ouvida a respeito daquele país e pediu que ela explicasse como a criança sobrevivera.

Risonha contou que o usurpador Ludíbrio matara seu esposo, o rei Fortúnio, e a encerrara em uma prisão. Ela estava grávida. O tirano resolvera matar o filho, caso nascesse menino; se fosse menina, pretendia conservá-la para que um dia se casasse com seu próprio filho e desse aparência de legitimidade à usurpação.

Entre os servidores fiéis de Fortúnio havia um cavaleiro chamado Visiónário, nome que recebera por sua previdência e pela capacidade de enxergar

de longe as consequências dos acontecimentos. Disfarçado, conseguira acesso à prisão. Quando o parto se aproximou, Risonha manifestou desejo de comer patê de javali. Visionário aproveitou o pretexto para arquitetar um plano. Naquela mesma noite, uma mulher pobre dera à luz uma criança morta. O pequeno corpo foi escondido no recipiente que deveria levar o patê à rainha. Risonha deu à luz uma menina viva, que trazia acima do cotovelo uma marca em forma de rosa. Chamaram-na Rosânia.

Uma camareira fiel colocou a criança viva no pequeno caixão preparado para o bebê morto, enquanto o corpo sem vida era apresentado aos guardas como o filho da rainha. Espalhou-se a notícia de que Risonha tivera um menino e de que, por ordem de Ludíbrio, ele fora morto. O próprio Visio-

nário recebeu a missão de sepultar o suposto príncipe. Ao afastar-se dos olhos dos soldados, abriu o caixão e retirou Rosânia.

O cavaleiro fugiu com a menina e uma ama. Sabia que os agentes de Ludíbrio procurariam qualquer criança suspeita. Precisava encontrar uma família obscura, honesta e distante das intrigas da corte.

Certa manhã, encontrou dois camponeses que conversavam em uma estrada. Um deles, conhecido por falar pouco e nunca divulgar o que lhe confiavam, chamava-se Discreto. Levava nos braços uma filha de um mês. A esposa, depois de uma enfermidade no seio, recuperara a saúde e mandara buscar a criança que estava com uma ama. Visionário observou o homem, interrogou-o e reconheceu nele grande honestidade. Contou apenas que preci-

sava salvar uma menina perseguida por inimigos poderosos. Entregou-lhe ouro, joias e um bracelete de diamantes, exigindo que guardasse silêncio até receber instruções. Nem mesmo a esposa deveria conhecer a verdadeira origem da criança. Discreto aceitou. Apresentou Rosânia à mulher como a filha que trazia da casa da ama. Visionário levou consigo a verdadeira filha do camponês e confiou-a à ama de Rosânia, estabelecendo-a confortavelmente. A filha de Discreto morreu algum tempo depois. Desse modo, a menina criada no povoado era de fato a herdeira do Reino da Ficção.

Visionário voltou ao país. Durante anos, a resistência contra Ludíbrio foi lenta, pois o tirano governava pelo medo, pelas falsas notícias e pelos sonhos vazios com que entretinha o povo. Por fim, um general chamado

Côncscio reuniu os homens sensatos. Conquistou cidades e despertou a esperança.

Ludíbrio chamou tropas de diferentes regiões da Europa e da Arábia. Os exércitos árabes quase lhe deram a vitória e prometeram servi-lo desde que lhes fosse permitido percorrer livremente o território em busca de provisões até o fim das *Mil e Uma Noites*, condição que talvez pareça longa, mas que os habitantes do Reino da Ficção estavam acostumados a considerar natural.

Côncscio recebeu então o auxílio de Bongosto, vindo do país da Polidez. A união entre Côncscio e Bongosto produziu efeitos que o partido dos sonhos vazios não previra. Os dois generais derrotaram os exércitos de Ludíbrio e libertaram grande parte do reino.

Visionário revelou aos chefes que a herdeira vivia. Enviou homens em busca de Discreto. O camponês havia sido capturado por partidários do usurpador, mas conseguiu escapar quando a última grande batalha terminou. Dez dias antes daquela audiência, Ludíbrio fora definitivamente vencido e fugira. Risonha saíra da prisão. Deixara o governo provisório nas mãos de Côncio e Bongosto e partira imediatamente à procura da filha. No primeiro povoado a que se dirigira, soubera que Rosânia estava na corte de Prudêncio. Discreto confirmara toda a história, e as joias conservadas durante tantos anos serviram como prova.

Prudêncio ficou maravilhado. Prometeu conduzir Risonha aos aposentos de Rosânia, mas fora informado de que Gaio acabara de regressar ferido. Portanto, decidiu esperar algu-

mas horas, para que a revelação acontecesse sem aumentar a confusão do palácio.

Rosânia não sabia de nada. O dia marcado para a restituição da varinha chegara. Trancada no quarto, chorava diante do objeto que lhe dera tanto brilho e agora ameaçava pô-la a perder.

A rainha Laboriosa entrou e procurou consolá-la com uma notícia: o assassino que sobrevivera ao combate confessara a conspiração antes de morrer. Revelara o nome de Súcia e da feiticeira. Advertida de que seria presa, Súcia correria à casa da cúmplice. As duas discutiram; a dama, furiosa por ver seus projetos fracassados, estrangulou a feiticeira e, depois, tirou a própria vida.

Rosânia ouviu aquilo com horror, mas sua preocupação era ainda maior.

Laboriosa deixou Sereia ao seu lado e foi cuidar do príncipe.

Pouco depois, permitiram que Rosânia entrasse no quarto de Gaio. Sereia a acompanhou. O príncipe estava pálido, mas os médicos garantiam que se recuperaria. Para aliviar a tristeza dos amantes, Sereia começou a cantar. Percebendo que eles mal a escutavam, afastou-se para uma janela.

— Você não pode continuar a dizer que estava inquieta por conta do rapto — falou Gaio. — Minha ferida não explica o sofrimento que já a dominava. Confie em mim.

— É justamente sua ferida que me aflige... — respondeu Rosânia.

— Então permita que eu lhe conte a estranha aventura que a precedeu...

O príncipe descreveu o palácio em ruínas, o sabá, a feiticeira e o demônio.

Quando repetiu o canto, pronunciou lentamente cada verso:

*Se a donzela tenra e simplória,
Que só ama folgedos infantis,
Tivesse guardado na memória
Ricdin-Ricdon, nome de glória,
Jamais cairia em meus ardis;
Mas a bela será minha vitória,
Pois tal nome ela não diz.*

— Ricdin-Ricdon! — gritou Rosânia, levantando-se. — Ricdin-Ricdon! É esse o nome!

A alegria repentina quase a fez desmaiar. Gaio pediu explicações. Não lhe restava motivo para ocultar a verdade. Rosânia contou sobre a fuga ao bosque, o pacto, os poderes da varinha, a obrigação de pronunciar o nome e o esquecimento.

O príncipe ficou assustado ao saber que o homem era o próprio espírito que vira no sabá.

— Você foi imprudente — disse ele com doçura —, mas é fácil compreender como a juventude, o medo e o desejo de escapar de uma situação cruel conduziram seu juízo. Sua intenção não era criminosa. A Providência permitiu que eu ouvisse os versos que serão sua salvação!

O príncipe escreveu o nome em suas tabuletas e mandou copiá-lo em vários papéis. Rosânia repetia sem cessar:

— Ricdin-Ricdon, Ricdin-Ricdon.

Sereia, que se aproximara, soube do perigo e abraçou a amiga. Os três aguardavam o porvir.

Poucos instantes depois, um oficial anunciou a chegada de um velho

camponês que pedia insistentemente falar com Rosânia. Discreto entrou.

Ao vê-lo, a jovem correu para ele.

— Meu pai! — exclamou. — Como estou feliz por revê-lo! Não precisa se envergonhar de sua condição diante do príncipe! Ele sabe estimar a honestidade acima da riqueza! Diga-me: como está minha mãe? E meu irmão?

Discreto, profundamente comovido, não conseguiu responder de imediato.

— Minha querida Rosânia — disse enfim —, sempre a ameí como filha, mas não sou seu pai. Você é filha de um grande rei que morreu defendendo o próprio trono. Sua verdadeira mãe está neste palácio!

Rosânia pensou que a emoção perturbara a razão do pobre velho. Mas naquele mesmo instante entraram

Prudêncio, Laboriosa, Risonha e Visionário.

A rainha do Reino da Ficção contemplou longamente a jovem. A semelhança com Fortúnio, a idade e todos os sinais já lhe davam certeza. Aproximou-se, abriu-lhe a manga e encontrou acima do cotovelo a marca em forma de rosa.

— Minha filha! — disse, envolvendo-a nos braços.

Visionário apresentou o bracelete e as joias confiadas a Discreto. O camponês relatou como recebera a criança e guardara o segredo. Nenhuma dúvida permaneceu.

Rosânia, atônita, passou dos braços de Risonha aos de Laboriosa. Sua primeira alegria não veio da coroa que descobria possuir, mas da possibilidade de oferecê-la a Gaio.

— Senhor — disse ao príncipe —, eu temia que meu nascimento o impedisse de cumprir sua promessa. Agora tenho um reino que será seu, se ainda me quiser...

— Eu a amava quando julgava que fosse filha de um camponês — respondeu ele. — A coroa nada acrescenta ao valor que reconheci em você! Ela apenas impede que o mundo censure minha felicidade!

Prudêncio pediu formalmente a mão de Rosânia a Risonha. A rainha consentiu com alegria. A data do casamento foi marcada sem demora.

Rosânia não se esqueceu daqueles que haviam cuidado dela. Prometeu assegurar a fortuna de Discreto, de sua esposa e do filho deles; pediu que Visonário recebesse as mais altas honras; quis recompensar a camareira que realizara a troca das crianças e a ama que

a protegera. Abraçou Vigilantina e Sereia, declarando que a mudança de condição não mudaria sua amizade.

Sereia, por sua bondade e fidelidade, tornou-se ainda mais querida. Fidélis, que há muito admirava suas virtudes e sua voz, encontrou finalmente coragem para revelar-lhe o amor. A união dos dois foi aprovada pelas duas famílias reais.

Preparou-se uma festa magnífica. Embora Gaio ainda estivesse ferido, quis assistir aos primeiros momentos da celebração. Depois de um banquete esplêndido, as portas se abriram e todos viram entrar um homem alto, moreno, vestido de negro, com o mesmo rosto sombrio que Rosânia vira no bosque.

O silêncio caiu sobre a sala. Rosânia empalideceu, mas avançou com fir-

meza. Retirou a varinha de um estojo e a estendeu.

— Tome, Ricdin-Ricdon, aqui está a sua varinha!

O homem lançou um grito que não parecia humano. Seu rosto se deformou; os olhos tornaram-se ardentes. Tentou agarrar Rosânia, mas uma força invisível o repeliu. Com uivos de raiva, desapareceu em uma nuvem escura. E assim o espírito maligno foi enganado por sua própria causa. Isso acontece algumas vezes quando as pessoas que ele pretende pôr a perder não têm intenção criminosa e nem sequer sabem com quem estão tratando. A imprudência da princesa merecia correção, mas não uma condenação eterna.

O casamento de Rosânia e Gaio foi celebrado com uma magnificência digna de dois reinos. Risonha conduziu a filha à capital do Reino da Ficção;

Prudêncio e Laboriosa acompanharam os jovens. Côncio e Bongosto receberam-nos com festas e entregaram o governo à legítima herdeira.

Gaio e Rosânia viveram longamente em perfeita união. A experiência tornou a jovem mais prudente, mas sem retirar-lhe a graça. Ela conservou o amor pelas belas coisas, mas aprendeu que o desejo de agradar não deve governar a consciência. O príncipe continuou fiel, e sua alegria, antes dispersa em mil divertimentos, encontrou objeto constante na família e no bem governar.

Fidélis desposou Sereia. Discreto e sua família viveram honrados e prósperos. Visionário tornou-se o mais respeitado conselheiro. Vigilantina permaneceu junto de Rosânia e viu com satisfação que suas lições haviam finalmente produzido frutos.

Os descendentes de Fortúnio e Risonha conservaram por muito tempo o trono.

Não se deve imaginar, contudo, que o partido de Ludíbrio desapareceu para sempre do Reino da Ficção. De tempos em tempos, ele tornava a erguer a cabeça. Os sonhadores vazios e os imaginadores desatinados são uma espécie impossível de exterminar naquele país. Quando parecem vencidos, inventam novas aparências, novos sistemas e novas esperanças, e sempre encontram pessoas dispostas a preferir uma ilusão agradável a uma verdade útil.



As obras frívolas³ têm alguma utilidade quando entretêm tanto os autores quanto os leitores; mas é desejável que, ao prazer, se misture alguma ins-

³ N. T.: Na estética literária, o termo *frivolidade* não deve ser compreendido apenas em seu sentido pejorativo, associado à superficialidade ou falta de seriedade. Trata-se, antes, de um recurso estético deliberado, caracterizado pela leveza, pelo tom lúdico, pela ornamentação e pelo prazer da imaginação. Em determinados contextos, como nos salões literários franceses dos séculos XVII e XVIII, a frivolidade constituiu um princípio artístico consciente, por meio do qual autores (especialmente mulheres) exploraram formas de expressão mais livres, criativas e afastadas das convenções rígidas da época. Assim, sob uma aparência leve ou fantasiosa, textos marcados pela frivolidade podem veicular significados complexos, críticos ou simbólicos, revelando-se mais profundos do que sugerem à primeira vista. Na literatura, portanto, frivolidade não é ausência de valor, mas sim um estilo que privilegia o prazer, o jogo e a imaginação, podendo esconder sob sua linguagem leve, fluida, graciosa e lúdica significados complexos e até críticos.

trução e que a narrativa deixe no espírito uma máxima de conduta.

Minha intenção foi mostrar os perigos aos quais se expõem as jovens que escutam imprudentemente todos os que lhes oferecem auxílio e depositam confiança em pessoas desconhecidas. Os desejos ambiciosos, o gosto pelos adornos e a esperança de agradar podem fazer parecer leve um compromisso que decide toda a vida.

A moral do conto pode ser expressa nestes versos:

*Belas! Que cegueira inconsequente
A ambição e o desejo de agradar
Fazem com que contraiam, levianamente,
Compromissos imprudentes,
E passos temerários dar:
Ah! Que desfecho deprimente!*

*Muitas vezes, sob uma aparência atraente,
Coração prestativo e alma obsequiosa,
Espíritos malignos tentam as vaidosas,
Para pô-las a perder eternamente.
E, se eles as enganassem sutilmente
Com alguma promessa vantajosa
Conduzindo-as cruelmente
A uma aliança maliciosa,
Elas não encontrariam, atualmente,
Para reparar suas juras perniciosas,
Jovens heróis de linhagem eminente;
Apenas encontrariam, e com sorte,
Certos noivos que, fraudulentamente,
Buscariam cem meios de obter seus dotes.*

*Ó, jovens e belos objetos desejados,
Sejam mais vigilantes do que no passado.*



